

Cresce no governo pressão por corte do juro

Vice volta a criticar juros altos e senador Aloizio Mercadante defende queda progressiva e segura'

LU AIKO OTTA
e EDUARDO KATTATH

BRASÍLIA - Aumentou ontem o tom da torcida aberta de autoridades do governo por um corte na taxa de juros na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para os dias 20 e 21 deste mês.

"Todas as condições da economia apontam para uma queda dos juros", afirmou o líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP). Ele ressalvou, porém, que a decisão cabe exclusivamente ao Copom. O senador defendeu uma queda progressiva e segura da taxa de juros.

Todas as condições da economia apontam para uma queda dos juros

Aloizio Mercadante,
líder do governo no Senado

ve ontem na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), acompanhado pelo ministro da Educação, Cristovam Buarque.

Sem especificar a quem estava dirigindo suas críticas, o vice-presidente atacou o que chamou de obediência e subserviência ao mercado - ou "especuladores", conforme rotulou. "É aquela história de reunir os credores para dizer: deixa eu baixar meio ponto percentual dos juros já que nós somos tão submissos, temos sido. Tão obedientes ao chamado mercado, que não é mercado, são especuladores", disse. "Nós não

podemos de forma alguma aceitar essa situação."

Segundo ele, a queda de 1 ponto percentual na taxa de 26,5% estabelecida pelo Banco Central (BC) proporcionaria ao País uma economia de despesas de R\$ 750 milhões mensais, ou

R\$ 9 bilhões ao ano. "Eu faço esse tipo de comparação e vejo que o que se precisa para a UFMG, ministro, é dinheiro trocado perdi disso". O vice-presidente insistiu na cobrança. "É preciso cair os juros e cair muito."

Também o ministro do Planejamento, Guido Mantega, afirmou que "com certeza, em algum momento, os juros vão cair". Ele, po-



rém, não arriscou dar palpites sobre o prazo. "Quando, vocês têm de perguntar para o Copom, para o Banco Central", disse. Mantega comentou que os mais recentes índices de inflação, mostrando um movimento de queda, deixaram "todo mundo feliz". Se o Copom considerará essa queda nos índices de preços suficiente para permitir um corte na taxa de juros, essa é a pergunta que to-

dos os analistas de mercado se fazem nesse momento.

Já o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, não ajudou a clarear o quadro ao declarar, anteontem, que o risco de descontrole inflacionário está superado, porém a batalha contra a inflação ainda não está vencida.

Críticas fortes - "Qualquer que seja a decisão do Copom, ela esta-

atocado e sinais preocupantes referentes à inflação dos preços ao consumidor. A pressão política só vem a complicar ainda mais o quadro.

"Parece que todos querem auferir os louros de uma queda que pode, de fato, ocorrer", comentou Abate. Na sua avaliação, caso o Copom venha a decidir por um corte nos juros, poderá surgir uma discussão sobre se a decisão foi técnica ou se o colegiado sucumbiu à pressão política pelo corte.

Abate considerou "muito fortes" as críticas de Alencar aos "especuladores". Embora o vice-presidente não tenha citado nomes, suas declarações soaram como ataques ao próprio governo, mais especificamente a Palocci e ao presidente do Banco Central, Henrique Meirelles.

O economista Roberto Padovani, da Tendências Consultoria Integrada, considera "normal" um debate na sociedade, inclusive com participação do governo, em torno da taxa de juros. "No curto prazo, isso é só barulho", avaliou. "No médio prazo, se o ambiente macroeconômico ficar ruim e produzir mais pressão política, pode colocar dúvidas sobre a sustentabilidade do núcleo duro do governo e aí, sim, será complicado."

Abate lembrou que o Banco Central, embora não seja independente, é comprometido com metas de inflação fixadas pelo governo e negociadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI). E as taxas de juros são manejadas para atingir esses objetivos. (Colaborou Leonêncio Nossa)